



> pesquisa

Os homens por trás das grandes obras do Brasil

CHILDHOOD

PELA PROTEÇÃO DA INFÂNCIA
FUNDADA POR S. M. RAINHA SILVIA DA SUÉCIA



Equipe de pesquisa

Coordenador:

Elder Cerqueira-Santos

Colaboradores:

Airi Sacco, Alessandro Conceição Rocha, Bruno Figueiredo Damásio, Carlos Nieto, Diogo Araújo de Sousa, Othon Cardoso de Melo Neto

Coordenação editorial:

Carolina Padilha e Anna Flora Werneck

Redação e edição: Vânia Alves

Design: Gabriela Juns

Revisão ortográfica: Daniela Lima

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3
OBJETIVOS	5
MÉTODO	5
INTRODUÇÃO	6
RESULTADOS	8
1 “MINHA CASA NÃO É AQUI. MINHA CASA É LÁ EM CASA”	8
2 “CARÊNCIA DE DINHEIRO”	9
3 “CHEGOU O PEÃO, BAGUNÇOU A CIDADE”	10
4 “NÃO TEM CONDIÇÕES DE VIVER NUM LUGAR DESSES SEM DAR UM TAPA, ESSA REALIDADE É MUITO DURA”	10
5 “ELAS NÃO COBRAM, A GENTE DÁ SÓ UM AGRADO”	11
6 “EM QUALQUER OBRA TEM”	13
7 “NO NORTE É PIOR”	13
8 “É O QUE MAIS ACONTECE NAS FESTAS”	14
9 “UMA MENINA NOVA SÓ VIRA PUTA SE ACONTECER ALGUMA COISA ERRADA, NÃO É NORMAL”	15
10 “JAMAIS PEGARIA UMA CRIANÇA, ISSO É DESUMANO”	15
11 “DENUNCIAR CARAS MEXENDO COM DROGAS E ENVOLVENDO CRIANÇAS”	16
12 PERFIL DO AGRESSOR	17
CONCLUSÃO	18

APRESENTAÇÃO

Este relatório foi elaborado com base em uma pesquisa inédita sobre os homens que trabalham na construção de megaempreendimentos de infraestrutura no Brasil e enfoca, prioritariamente, o envolvimento deles com a exploração sexual de crianças e adolescentes. Realizado por psicólogos da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com a Childhood Brasil (Instituto WCF), o estudo traça um perfil desses trabalhadores cuja condição de vida é muito peculiar: durante o período das obras, vivem em alojamentos comunitários construídos dentro do próprio canteiro e passam meses, até anos, sem ver suas famílias.

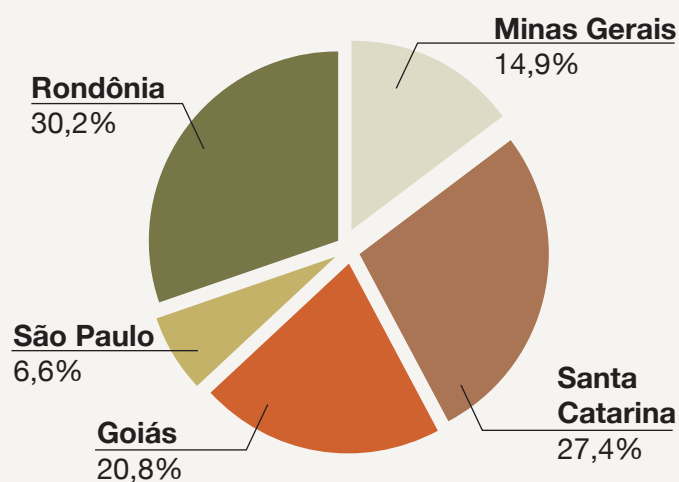
Para retratar o universo das grandes obras, erguidas no interior do Brasil, os pesquisadores ouviram 288 homens de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rondônia.

E são eles, os próprios trabalhadores, que nos conduzem a um mergulho nessa realidade tão particular, um mundo nômade, onde a distância da família muitas vezes os leva a pedir demissão. A convivência em sociedade praticamente se resume aos colegas de trabalho, e as relações com as comunidades em que estão temporariamente inseridos são superficiais e se caracterizam, quase exclusivamente, pela funcionalidade.

O trabalho segue os passos do estudo “O perfil do caminhoneiro no Brasil”, parceria da Childhood Brasil com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que culminou no Programa Na Mão Certa, iniciativa do instituto que tem por objetivo mobilizar os três setores no enfrentamento mais efetivo da exploração sexual das rodovias brasileiras.

Como no Programa Na Mão Certa anterior, a proposta aqui não é apontar culpados ou criminosos, mas entender melhor o fenômeno e oferecer subsídios para ações de enfrentamento

LOCAIS DAS ENTREVISTAS



à exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil no contexto de grandes obras de infraestrutura.

Vale lembrar que a exploração sexual de crianças e adolescentes se caracteriza pela utilização sexual de crianças e adolescentes com a intenção do lucro ou troca, de ordem financeira ou qualquer outra espécie. A prática é considerada violência sexual mesmo quando não acompanhada de violência física, já que a criança e o adolescente ainda não têm maturidade biopsicossocial para consentir esse tipo de relação. O problema, que adquire diferentes contornos em realidades distintas, é criado e alimentado por clientes desse comércio perverso, agenciadores (que algumas vezes pode ser até a família) e redes criminosas.





OBJETIVOS

Este estudo visa traçar um perfil dos trabalhadores de grandes obras de infraestrutura considerando-se principalmente os seguintes aspectos:

- » dados biossociodemográficos (sexo, idade, escolaridade, renda, configuração familiar, etc.);
- » impressões sobre a profissão (dificuldades, salários, jornada e condições de trabalho, por exemplo);
- » relatos sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas e vida sexual;
- » conhecimento sobre a existência de prostituição nos arredores dos alojamentos erguidos nos limites das obras, destacando-se a exploração sexual de crianças e adolescentes;
- » conhecimento sobre os direitos das crianças e dos adolescentes.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada entre maio e outubro de 2009 com 288 homens, em obras de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rondônia. Entre os entrevistados, apenas 6,4% trabalhavam em áreas administrativas ou em cargos de supervisão, na época da pesquisa. Os demais ocupavam funções operacionais. A escolha desse recorte se deve a dois fatores: os trabalhadores de frente de obra são a grande maioria nesse tipo de empreitada e, supostamente, esse público estaria mais exposto a situações de exploração sexual de crianças e adolescentes.

Nem sempre a soma das porcentagens dos dados da pesquisa resultará em 100% porque em algumas questões foi oferecida aos entrevistados mais de uma possibilidade de resposta.

Os pesquisadores não fizeram distinção de gênero para falar sobre exploração sexual de crianças e adolescentes, mas os entrevistados deram mais ênfase à exploração sexual de meninas.

CAPACITAÇÃO DOS PESQUISADORES

A equipe de pesquisa foi formada por um psicólogo coordenador e seis colaboradores, entre psicólogos formados e estudantes. Antes de saírem a campo, todos passaram por treinamento teórico, metodológico e ético.

A pesquisa segue os aspectos éticos normatizados pelo Ministério da Saúde e pelo Conselho Federal de Psicologia e está registrada no Conep (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – Ministério da Saúde).

INSTRUMENTO

As entrevistas foram realizadas a partir de um questionário com 53 questões, perguntas abertas, de múltipla escolha e escalas validadas, num total de 190 variáveis investigadas. Algumas terminologias foram adaptadas para possibilitar pleno entendimento das questões. A exploração sexual de crianças e adolescentes, por exemplo, foi tratada como “prostituição infantil”. O Juizado da Infância e da Adolescência virou “juizado de menores” e o Disque-Denúncia Nacional foi apresentado como “disque-denúncia”.

PROCEDIMENTOS

Cada entrevista durou em média 40 minutos. As conversas foram realizadas individualmente, principalmente nas áreas de lazer e descanso dos alojamentos, nos momentos em que os trabalhadores não estavam ocupados com nenhuma atividade de suas rotinas.

A abordagem começava sempre com uma explicação sobre os objetivos da pesquisa e seu caráter voluntário. O questionário só era aplicado após o consentimento do trabalhador, o que implicou a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além das respostas objetivas, os entrevistadores anotavam suas impressões sobre cada participante.



INTRODUÇÃO

QUEM SÃO ELES?

A rotina dos trabalhadores das grandes obras é pesada. Alguns canteiros funcionam 24 horas e exigem que parte do quadro de funcionários trabalhe em sistema de turno durante a madrugada. Eles passam cerca de dez horas na obra e voltam para os quartos dos alojamentos só para dormir. As atividades exigem mão de obra forte e jovem. A média de idade dos trabalhadores das grandes obras é de 32,7 anos, apesar de haver homens com idades entre 18 e 64 anos.

Pouco mais da metade desses homens que deixam suas famílias para erguer nos pontos mais longínquos do país grandes obras de infraestrutura é casada ou tem uma companheira, 51,9%. A maioria, 66,3%, tem filhos. A média de filhos por trabalhador é de 1,6%, e a de filhas, 1,7%.

Em média, passam 9,7 meses nos alojamentos. Alguns, 9,2%, já chegaram a morar dois anos ou mais nas obras.

De onde vêm e de onde são

As famílias desses trabalhadores estão espalhadas por quase todos os estados do Brasil, com exceção de Amapá, Mato Grosso do Sul e Roraima. A maior parte, 40,4%, tem residência fixa no Nordeste. No Norte, ficaram as famílias de 19,6% deles, e 12,3%, no Centro-Oeste. Aqueles que chegaram do Sudeste e do Sul para trabalhar nas obras correspondem a 11,9% e 15,8% do total, respectivamente.

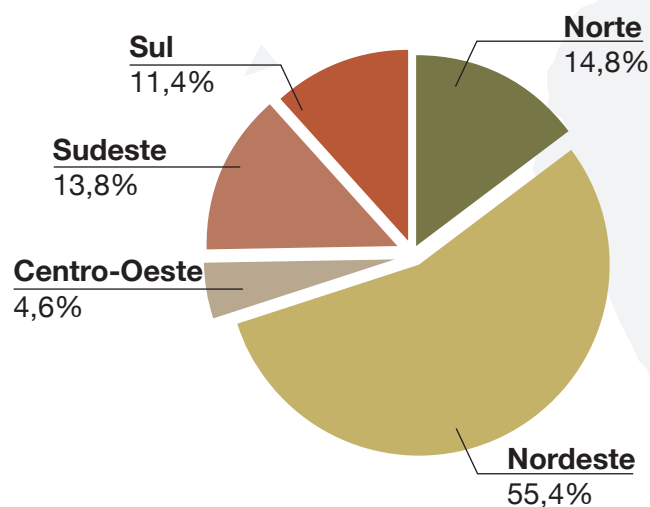
Ao detalhar essa informação por estado, verifica-se que a maioria das famílias dos entrevistados, 19,5%, reside no Maranhão. O Pará está em segundo lugar entre os estados que mais concentram os familiares dos trabalhadores, com 11,9% do total. Logo depois aparece o Piauí, com 10,8%. Goiás e São Paulo dividem a quarta posição com 9,7% das respostas. O tempo médio de moradia em suas atuais residências é de 15,4 anos. A maior parte, 58,2%, possui casa própria.

O estado onde mantêm residência não é necessariamente seu local de nascimento. A maior parte, 24,7%, é maranhense. Na sequência, aparecem em maior número piauienses, paulistas e paraenses, com 12,4%, 10,2% e 9,2%, respectivamente. Os goianos são apenas 3,2%.

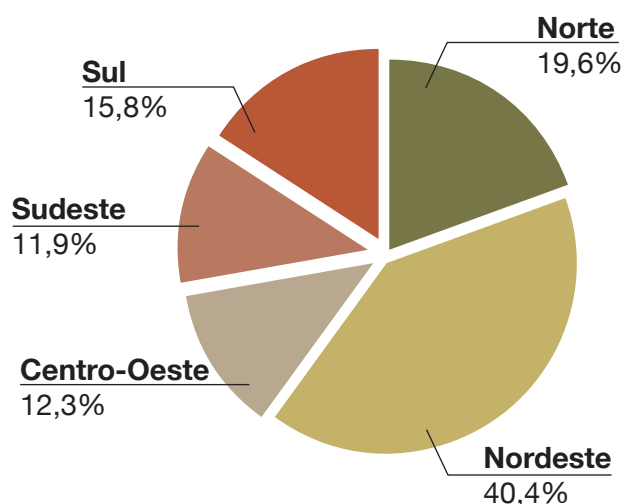
Escolaridade

A baixa escolaridade é característica marcante entre os trabalhadores das grandes obras. Dos 93,6% entrevistados que trabalham no operacional, como pedreiro, carpinteiro, operador de máquina, entre outras funções, 37,5% cursaram apenas o ensino fundamental incompleto. Outros 21,2% concluíram o ensino fundamental. Somente 20,8% fizeram o ensino médio e apenas um tem curso superior completo.

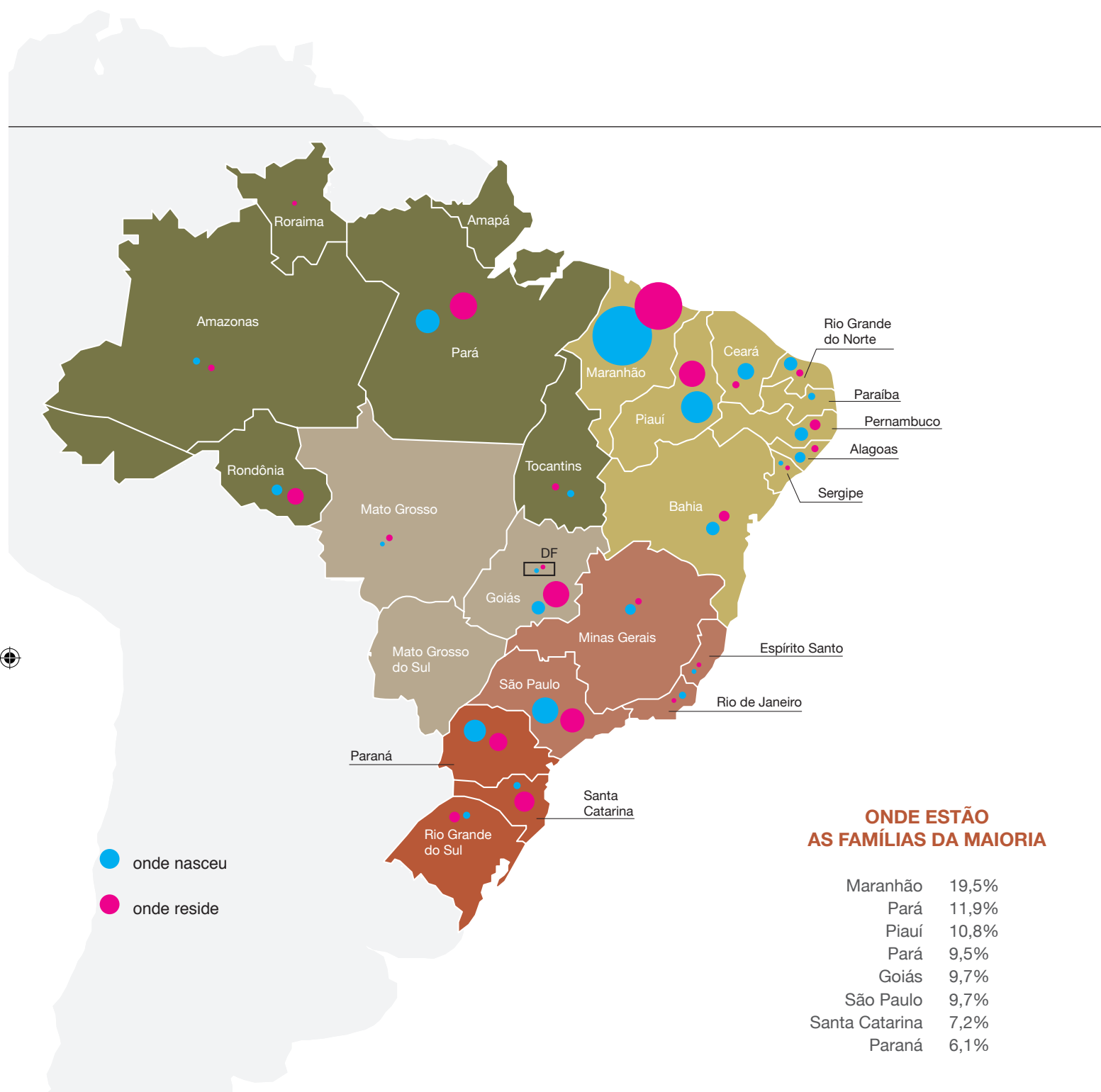
ONDE NASCERAM



ONDE RESIDEM



Já entre os 6,4% que ocupam a função de encarregado ou estão em cargos administrativos (técnicos e engenheiros), todos têm escolaridade média ou superior, com a exceção de um entrevistado que havia cursado apenas o nível fundamental incompleto.



Tempo livre

Quando chegam do trabalho, ficam na área de lazer, conversando, assistindo à TV, jogando ou simplesmente esperando a hora passar. Cada alojamento tem suas características próprias, alguns oferecem um pouco mais de conforto, mas em geral esses espaços comunitários são equipados com televisão e mesas de sinuca, cartas e dominó. Nos lugares onde o calor é maior, esse espaço conta com mais um importante atrativo: o ar-condicionado.

Nos dias de folga, o que mais gostam de fazer é assistir à televisão, conhecer a cidade, dormir e conversar com os amigos, nessa ordem. Sexo é a quinta atividade mais citada. Em seguida, vêm os jogos, as tarefas do dia a dia, a bebida e os esportes.

RESULTADOS

1. “MINHA CASA NÃO É AQUI. MINHA CASA É LÁ EM CASA”

Pequenas alegrias, como ver o filho vestido com o uniforme da escola pela primeira vez, se divertir com o sorriso banguela da filha de 7 anos ou rir das besteiras que se diz quando a família toda está reunida para o almoço de domingo, não fazem parte da vida desses homens. O nascimento de filhos e netos, o casamento do irmão caçula e até mesmo a morte dos pais – entre outros grandes acontecimentos – também não.

A saudade da família, em contrapartida, é presença constante entre eles, e alimenta o fantasma de ser traído pela mulher, o medo de perder a autoridade de pai e muitas outras inseguranças.

Diante desse cenário, não surpreende ser quase unanimidade a opinião de que ficar longe da família é a maior dificuldade enfrentada pelos trabalhadores de grandes obras. Normalmente, as políticas de folga das construtoras para visitas às famílias não são condizentes à distância que separa as obras das casas dos funcionários. Um dos entrevistados dá a exata dimensão do problema: “Só de seis em seis meses a gente vai para casa e só tem dez dias para ficar lá. Eles só pagam passagem de ônibus. São quatro dias para ir e quatro para voltar, daí sobram dois dias lá”.

DIFICULDADES DA PROFISSÃO



Quando a saudade aperta de verdade, depois de meses, às vezes anos, sem ver a família, muitos tomam uma decisão radical: pedem demissão. Entre uma empreitada e outra, os trabalhadores de grandes obras ficam, em média, 4,1 meses sem trabalhar. Alternando esses períodos de desemprego voluntário com o trabalho nas obras é que conseguem ter alguma convivência em família.

Pode ser melhor

Os alojamentos nunca substituirão as casas, é claro, mas um pouco de conforto pode fazer a vida longe da família um pouco melhor. Quando questionados sobre as melhorias que gostariam de ter no alojamento, a maior reivindicação dos entrevistados, 39,6% das respostas, foi acesso à internet. Na sequência aparecem: atendimento médico, privacidade e bons quartos para dormir.

Para entender melhor os dados apurados com essa pergunta é preciso ter em mente que a infraestrutura oferecida aos trabalhadores é, invariavelmente, precária no início das obras. Eles sempre chegam antes da conclusão do alojamento. O espaço vai sendo construído paralelamente ao empreendimento. Assim, as opiniões sobre melhorias variam de acordo com o estágio do andamento da obra e, por consequência, do alojamento.

Enquanto os entrevistados em Santa Catarina, por exemplo, quase não apontaram necessidades de melhorias nos alojamentos, os de Rondônia, onde a obra havia começado recentemente na época da pesquisa, extrapolaram os temas previstos. No quesito outros, incluíram a necessidade de condicionadores de ar nos quartos, telefones públicos e melhoria no sinal de telefones celulares.

É fácil compreender essas reivindicações. O calor na região é intenso, e oito homens chegam a dividir o mesmo quarto. E, quanto à falta de comunicação, em Rondônia os alojamentos pesquisados ficam ainda mais afastados da cidade do que nos demais estados e o serviço de telefonia, na época da pesquisa, era inexistente.

Já o desejo de convênio médico não está vinculado à especificidade do trabalhador nas grandes obras. Poderia ser uma reivindicação de profissionais sem o benefício. Somente em São Paulo, por exigência do cliente, os trabalhadores entrevistados contavam com o benefício.



MELHORIAS NOS ALOJAMENTOS

Internet (<i>lan house</i>)	39,6%
Atendimento médico	37,8%
Privacidade	30,7%
Bons quartos para dormir	25%
Quadra poliesportiva	24,7%
Comida boa	22,9%
Banheiros limpos	20,8%
Salão de jogos	18,4%
Sala de TV	15,6%
Outros	44,4%

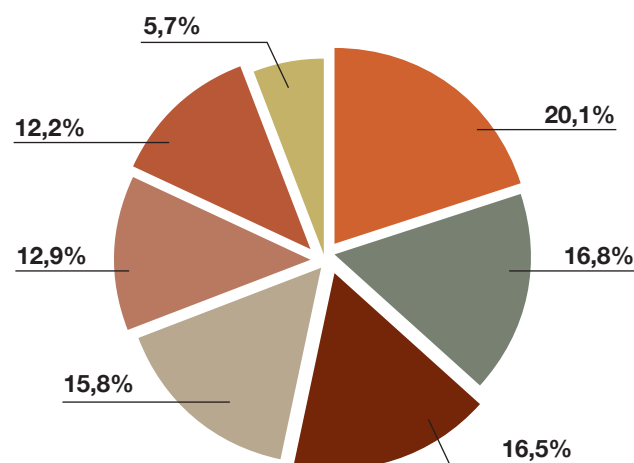
2. “CARÊNCIA DE DINHEIRO”

O que leva esses homens a deixar suas famílias e seguir pelo interior do país atrás de um emprego? A necessidade financeira foi a razão apontada por 20,1%. Procura por melhores condições de vida e falta de outras oportunidades são os motivos de 16,8% e 16,5%, respectivamente.

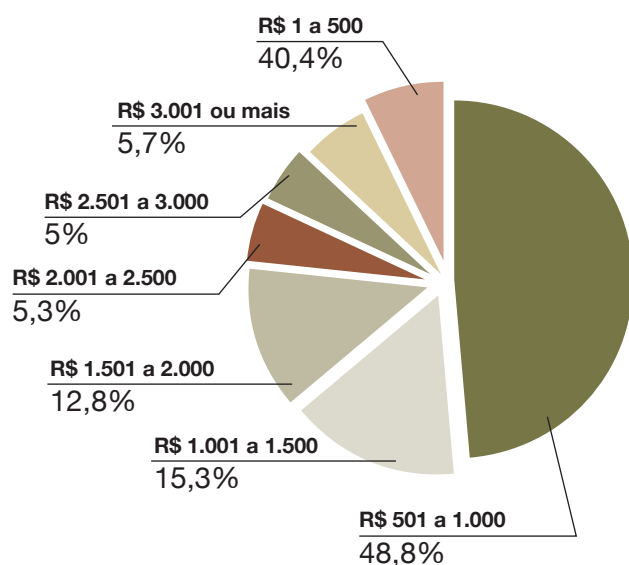
A média das rendas mensais familiares encontradas na amostra foi de R\$ 1.497,13. Quase metade dos trabalhadores ganha entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00; 15,3% recebem de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00; e 5,3% têm salários entre R\$ 2.000,00 e R\$ 2.500,00.

O índice dos que têm carteira assinada chega próximo dos 100%. A grande maioria dos entrevistados, 86,4%, é funcionária da empresa responsável pela obra, 11,5% são terceirizados, e 2,1%, prestadores de serviço.

POR QUE ESCOLHERAM A PROFISSÃO?



RENDIA MÉDIA FAMILIAR



- Necessidade financeira
- Melhores condições de vida
- Falta de outras oportunidades
- Oportunidade da emprego
- Influência familiar/ de amigos
- Desejo pessoal
- Outros

RESULTADOS

3. “CHEGOU O PEÃO,
BAGUNÇOU A CIDADE”

A relação dos trabalhadores de grandes obras com as comunidades onde estão temporariamente instalados é carregada de contradições. O anúncio da construção de um megaempreendimento sempre provoca grande expectativa na população que vai recebê-lo. De um lado, a festa dos que acreditam que a obra irá impulsionar o tão sonhado desenvolvimento, gerando empregos e riqueza. De outro, o temor dos que vivem nos arredores.

Com a chegada dos operários, começam as transformações que marcarão essas comunidades para sempre, em diferentes aspectos. Eles chegam em centenas e até milhares de uma única vez. Muitas vezes, ficam alojados dentro dos limites das obras e longe dos centros urbanos. Nesses casos, vão para a cidade somente para se divertir ou para alguns serviços (banco, comércio, correios).

Eles realmente movimentam a economia local e são reconhecidos por isso, mas provocam muitos impactos negativos. Mais da metade dos entrevistados acredita que são malvistas pela comunidade. Muitos dizem que a população local se refere a eles como “arruaceiros”, “refugiados”, “bagunceiros”, “baderneiros” ou “sem vergonha”.

Eles reclamam de discriminação, mas reconhecem no próprio comportamento, ou no dos companheiros, atitudes que alimentam os conflitos com a comunidade. Nas palavras deles:

“Peão é mal-educado mesmo, moleque que quer aproveitar porque tá longe da cidade dele.”

“Tem todo tipo de gente na peãozada. [...] Quando acontece algo errado na cidade – briga, confusão –, pensam logo que foi um peão.”

“O barrageiro consegue desviar o curso do rio, não vai desviar o juízo da mulher?!”

No entanto, as impressões da comunidade, aparentemente, não abalam a autoestima dos trabalhadores. Durante a pesquisa, foi apresentada uma escala para que os participantes avaliassem a autoestima. As médias foram altas para as assertivas positivas e baixas para as negativas, o que os coloca dentro do padrão global.

4. “NÃO TEM CONDIÇÕES DE VIVER NUM
LUGAR DESSES SEM DAR UM TAPA,
ESSA REALIDADE É MUITO DURA”

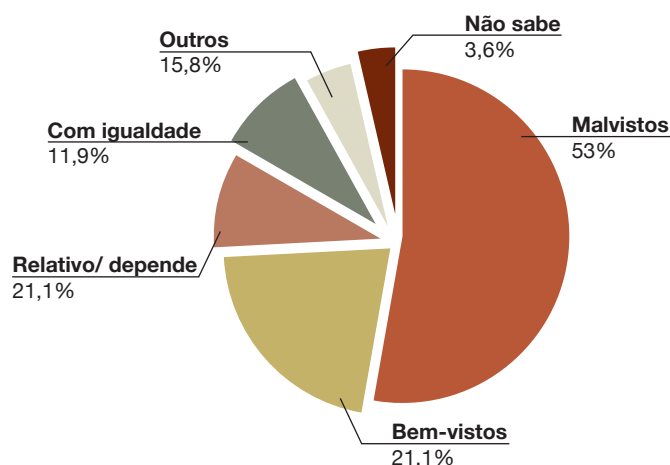
O consumo de álcool declarado pelos trabalhadores está dentro da média nacional de apontada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (Cebrid/Unifesp). De acordo com o Cebrid, 77% da população brasileira consome bebida alcoólica. Entre os entrevistados, esse índice é de 72,1%. No entanto, a percepção dos pesquisadores durante a convivência com os alojados leva a crer que os dados colhidos na pesquisa não expressam a realidade.

Mesmo a entrada de bebida alcoólica sendo proibida dentro dos alojamentos – até os pesquisadores passavam por revistas –, foi possível flagrar o consumo dela nos limites das obras, e algumas entrevistas tiveram que ser descartadas porque os participantes estavam embriagados.

Presume-se, então, que parte dos trabalhadores não se sentiu à vontade para relatar o uso de bebida com medo de retaliações. É a chamada “desejabilidade social”, tendência de dar respostas “corretas”, recorrente em estudos desenvolvidos em ambientes de trabalho.

O uso de drogas ilícitas apurado nas entrevistas também não deve corresponder à realidade pelo mesmo motivo, além do agravante legal. Enquanto o Relatório Mundial sobre Drogas de 2009, divulgado este ano pelo Escritório das Nações Unidas sobre drogas e crimes (UNODC, na sigla em inglês)², estima entre 170 milhões e 250 milhões o número de pessoas não

AUTOESTIMA



1 <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/DADOS%20REFERENTES.pdf> | 2 <http://www.unodc.org/unodc/en/frontpage/2010/April/unodc-2010-annual-report-released.html> | 3 Considerando a estimativa populacional do International Data Base (<http://www.census.gov/ipc/www/idb/worldpopinfo.php>)

5. “ELAS NÃO COBRAM, A GENTE DÁ SÓ UM AGRADO”

mundo que usam drogas ilícitas – o equivalente a 2,5% e 3,6% da população global³ –, o índice de usuários nos alojamentos, de acordo com os relatos, é de 1,5%. Entre os entrevistados, 73,5% dizem nunca ter usado, e 25% admitem que já experimentaram ou usaram, mas pararam. Maconha e cocaína foram as drogas mais citadas.

Os comentários feitos nessa fase da pesquisa reforçam a percepção dos psicólogos. Dizem eles:

“Aqui o difícil é encontrar alguém que não bebe.”

“O povo mente, todo mundo aqui já cheirou...”

“Pode anotar aí: Todos esses homens usam algum negocinho, porque essa vida aqui é difícil demais... Ficar longe de tudo o que gosta, ter que acordar todo dia e só olhar pra gente desconhecida, um monte de macho... O jeito é puxar um negocinho para relaxar, se distrair.”

“Todo quarto tem uma garrafa de pinga!”

O consumo do cigarro também é bastante comum: 39,2% se reconhecem fumantes, 26,9% dizem já ter experimentado ou ter usado e parado. Os outros 33,9% afirmam que nunca fumaram.

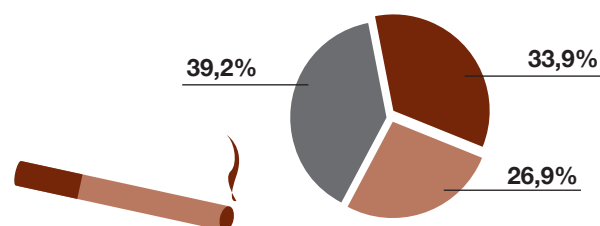
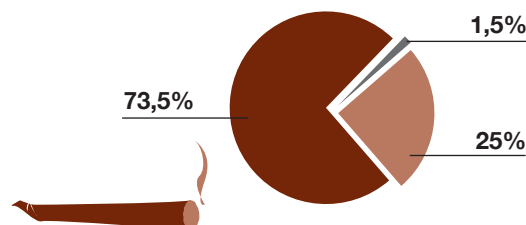
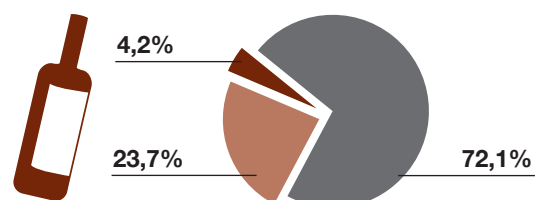
A grande maioria dos entrevistados, 98,9%, se declara heterossexual. Apenas três homens, o equivalente a 1,1%, disseram ter relações sexuais com mulheres e com pessoas do mesmo sexo. Longe de casa, os trabalhadores diminuem a frequência com que praticam relação sexual. Alguns, 13,7%, chegam a afirmar que não fazem sexo no período em que estão alojados.

Quando querem fazer sexo, 50,7% pagam prostitutas e 15,2%, saem com meninas ou mulheres da comunidade. Amigas, conhecidas ou trabalhadoras da própria obra são parceiras de 5,9%. As esposas foram citadas por apenas 1,4% dos entrevistados, são os raros casos em que as companheiras trabalham na obra ou moram perto.

Essas porcentagens sofrem alterações quando a pergunta é sobre a pessoa preferida para ter relações. Nesse caso, as prostitutas continuam na frente, mas com uma porcentagem menor, 29,5%. A preferência por meninas e mulheres da comunidade, em compensação, aumenta para 27,1%. Em 16,9% das perguntas aparece uma nova figura: as namoradas ou ficantes.

USO DE ÁLCOOL, CIGARRO E DROGAS ILÍCITAS

■ Usa atualmente ■ Já experimentou/ Usou e parou ■ Nunca usou



RESULTADOS

Aqueles que preferem as prostitutas se justificam dizendo que a relação paga “é mais fácil de achar” e de conduzir. Nas palavras deles:

“É o que tem.”

“Mais prático... Paguei, tô livre!”

“Porque é melhor, pra não se envolver.”

“Só vou ver uma vez na vida!”

Entre os que apontam as meninas e as mulheres da comunidade ou namoradas como as parceiras prediletas, as justificativas mais comuns são o fato de não precisarem pagar e o medo de doenças. Em seguida, destacam-se “achar melhor”, “gostar ou ter intimidade” e “querer compromisso”.

Esses dados levam a concluir que os relacionamentos com mulheres e adolescentes da comunidade são encarados, majoritariamente, como uma oportunidade de sexo gratuito e seguro. Aparentemente, não há sinais de afeto em muitas dessas relações. É importante ressaltar também que as relações com adolescentes não são, necessariamente, pagas com dinheiro, mas com presentes e outras recompensas, o que pode camuflar situações de exploração sexual ou falta de respeito.

MOTIVOS DA ESCOLHA DA PARCEIRA SEXUAL

Entre os que preferem alguém da comunidade, namorada, ficante ou esposa

Não precisa pagar	15,2%
Medo de doenças	12,9%
É melhor	11,1%
Gosta/ Tem intimidade	10,6%
Quer compromisso	6,8%

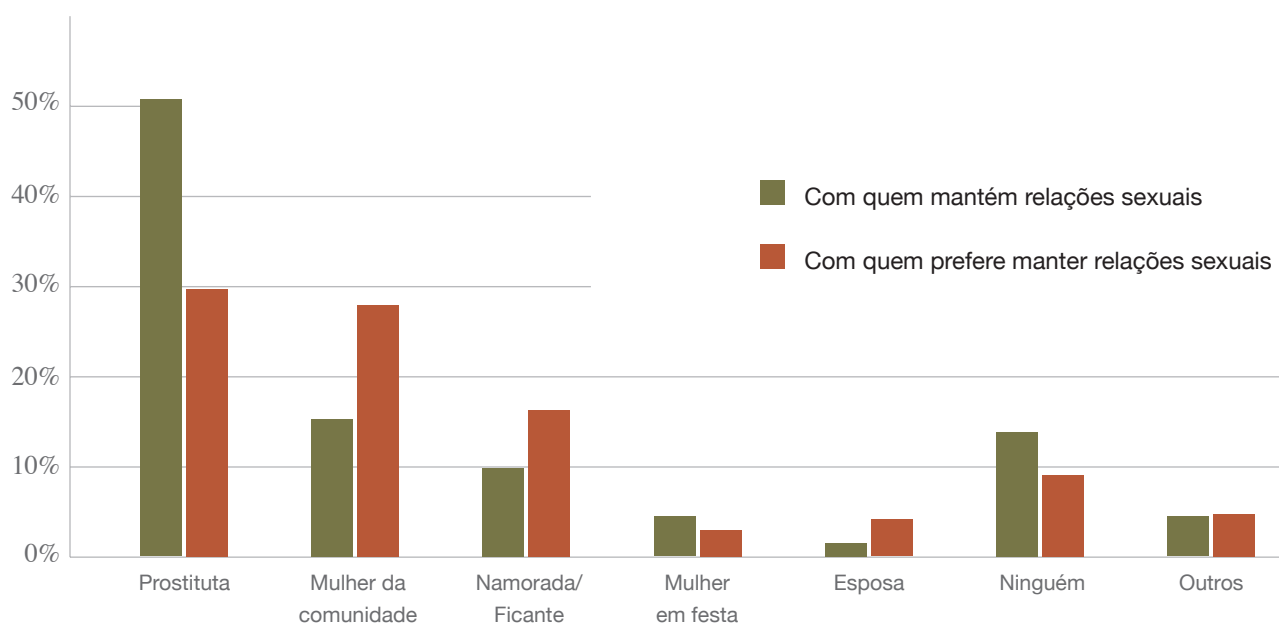
Entre os que preferem prostitutas

É mais fácil	15,9%
É o que tem	11,4%
Não quer compromisso	3,8%

Entre os que não têm relações

Medo de doenças	3,8%
Quer compromisso	1,6%

PARCEIRAS: AS REAIS E AS PREFERIDAS





6. “EM QUALQUER OBRA TEM”

A ocorrência de prostituição nos arredores das obras, assim como a exploração sexual de crianças e adolescentes, é corriqueira. Quase todos, 97,2%, afirmam que a prostituição é comum por onde andam.

Costuma-se dizer que as prostitutas seguem as obras e muitas vezes chegam até antes dos trabalhadores nos canteiros. Crianças e adolescentes também estão nessa situação, afirmam 84,5% dos entrevistados. Mais da metade dos entrevistados, 57,3%, presença ou já presenciou a exploração sexual de crianças e adolescentes.

7. “NO NORTE É PIOR”

Nos arredores de qualquer obra existem casos de exploração sexual de crianças e adolescentes, mas no Norte é pior, avaliaram 40% dos entrevistados. Pela experiência deles, Pará e Amazonas são os estados onde o problema é mais grave.

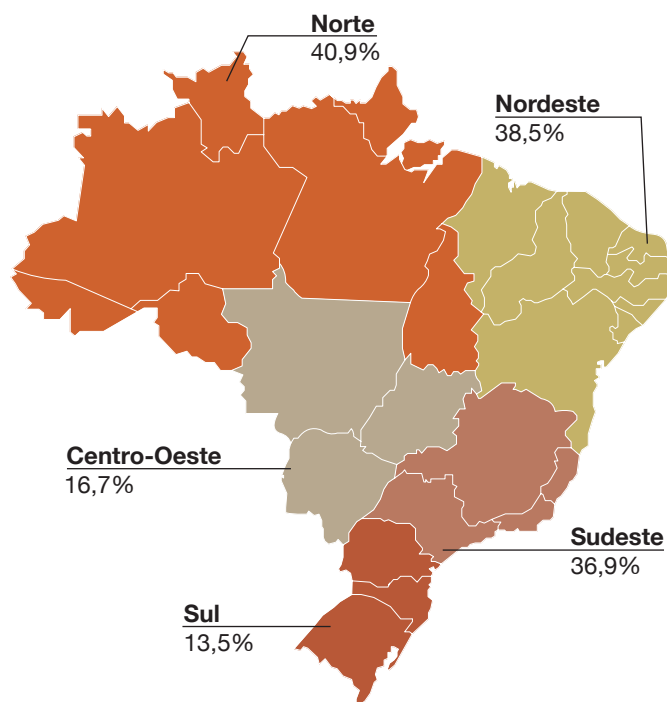
O Nordeste é a segunda região mais citada, com 38,5% das respostas. Logo em seguida, está o Sudeste, apontado por 36,9% dos entrevistados, com destaque para o estado de São Paulo. Centro-Oeste e Sul aparecem com os menores percentuais, 16,7% e 13,5%, respectivamente. Para 7,3% não há diferenças regionais.

A EXPLORAÇÃO SEXUAL DO PONTO DE VISTA DO TRABALHADOR

- 4,52 A prostituição é comum nas obras por onde ando
- 3,69 É comum ver meninos e meninas menores de 18 anos se prostituindo
- 4,52 Em geral, meus colegas de obra saem com prostitutas
- 2,79 Em geral, meus colegas de obra saem com meninos(as) menores de 18 anos para fazer programas
- 2,39 Eu costumo sair com prostitutas
- 1,49 Acho que alguma prostituta com quem saí tinha menos de 18 anos
- 2,86 É comum ver colegas se divertindo com menores de idade
- 1,49 Eu já me diverti com crianças e adolescentes
- 2,50 É comum ver crianças/adolescentes se prostituindo perto das obras

Os valores são médias baseadas em uma escala que varia de 1 (nunca) a 5 (muito frequentemente)

A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES POR REGIÃO



8. “É O QUE MAIS ACONTECE NAS FESTAS”

Os relatos sobre o envolvimento dos trabalhadores com prostitutas ou com crianças e adolescente aparecem com muito mais frequência quando o sujeito da pergunta é “o outro”. Enquanto 97,2% dizem que seus colegas de obra usam os serviços de prostitutas, apenas 56,7% admitem ter feito o mesmo. E, se 66,9% afirmam que os companheiros saem com meninas menores de 18 anos, 25,4% reconhecem ter agido da mesma forma.

Em 19,8% dos casos, os trabalhadores conheceram as adolescentes em bares ou festas, não necessariamente no período em que estavam alojados.

“Conheci uma menina numa festa, rolou um clima e nós fomos para um motel. Não é sempre, e não era prostituta.”

“Já saí com uma adolescente no Carnaval de rua porque ela ficava me atentando com as amigas dela a noite inteira.”

Parte deles, 12,3%, enfatizou que só soube que a menina tinha menos de 18 anos depois da relação. Ficou claro durante a pesquisa que a idade não costuma ser uma preocupação para eles, desde que a adolescente não aparente a idade e não seja mais virgem:

“Uma vez, na seresta, conheci uma garota que me levou pra uma boate. Depois é que eu fui descobrir que ela era menor e era prostituta.”

“Saí, mas pela forma física parecia ser maior...”

Apenas 9,9% contam ter se relacionado com adolescentes em casas de prostituição:

“Ela estava no puteiro e não era virgem.”

“Encontrei uma menina de 13, 14 anos no cabaré, eu tinha 20 anos.”

“Gosto mesmo e vou num lugar que sei que tem.”

“No prostíbulo estão disponíveis.”

“Tinha 12 anos. Mas ela não me aguentou, larguei ela. Paguei e mandei ela ir embora.”

Entre aqueles que reconheceram ter praticado sexo com meninas menores de 18 anos, 3,7% gostaram da experiência e relacionaram a satisfação à juventude das parceiras. “[Era] Uma

menina de 16 anos, o corpo era um fenômeno. Era carne nova, era que nem uma onça”, diz um deles.

Situações de envolvimento emocional, em que os entrevistados desvinculam completamente seu comportamento com a prática de exploração sexual, também aparecem nas respostas. Em 19,8% os relatos tratam de namoradas.

Apesar da quantidade expressiva de trabalhadores que reconhecem ter se relacionado com crianças e adolescentes, apenas 8,6% consideram isso normal. “Lá no Maranhão não dá cadeia não. No Maranhão, fez 11 já pode foder”, defende um dos entrevistados.

Riscos

Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, assim como os próprios trabalhadores e suas parceiras adultas, estão expostos aos riscos de doenças transmitidas sexualmente. Mais da metade dos entrevistados, 64,2%, diz que sempre usa camisinha, mas 20% confessam que usam só às vezes, e 15,8% afirmam que nunca usaram preservativo.

Apenas três entrevistados responderam que são soropositivo, mas 67,1% nunca fizeram teste de HIV. Vale ressaltar que todos os que se declararam soropositivo disseram que sempre usam camisinha.

MOTIVOS PARA A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES





9. “UMA MENINA NOVA SÓ VIRA PUTA SE ACONTECER ALGUMA COISA ERRADA, NÃO É NORMAL”

Na visão de 67,4% dos entrevistados, a necessidade financeira é a principal causa que empurra crianças e adolescentes a situações de exploração sexual. Na sequência, os motivos apontados por eles são: exploração por terceiros, existência de um mercado fácil e, por último, o fato de as adolescentes “gostarem de sexo e terem prazer”.

A procura dos adultos aparece em 23,5% das respostas, seguida por falta de opção no mercado de trabalho, problemas familiares e falta de educação. A categoria outros aponta para más companhias, vício em drogas, desejo de comprar bens de consumo e vontade de adquirir experiência.

O QUE LEVA OS HOMENS A FAZER SEXO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

54,7%	Safadeza/ Falta de vergonha na cara
52,3%	Mais excitação e prazer
23,5%	Sentir-se poderoso
21,4%	Reafirmar sua virilidade
17,5%	Reafirmar sua masculinidade

PRINCIPAIS MOTIVOS PARA NÃO SAÍREM COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

28,3%	Sabe que é errado/ É contra
19,6%	Não tem tesão/ Prefere mulher mais velha
14,7%	Lembram das filhas
13%	Evitar problemas com a justiça
5%	Não teve oportunidade

10. “JAMAIS PEGARIA UMA CRIANÇA, ISSO É DESUMANO”

A maioria dos entrevistados, 54,7%, explica a preferência sexual dos adultos por crianças e adolescentes como “safadeza e falta de vergonha na cara”. Em seguida, apontam os seguintes motivos: mais excitação e prazer, sentir-se poderoso e reafirmar a virilidade perante si e os outros.

Entre os 75% que afirmam que nunca saíram com crianças e adolescentes, 28,3% consideram errado e são contra a prática.

“É nojento um ser humano que topa fazer sexo com uma criança.”

“É um absurdo ir atrás de menina nova, menina pequena, quando tem mulher sobrando por aí.”

“Tenho educação e sei que é errado.”

O segundo argumento citado por 19,6% desse grupo foi não ter tesão ou preferir mulheres mais velhas. Outros 14,7% disseram que lembram de suas filhas ou netas:

“Não faço porque não quero que façam com a minha filha.”

“Porque eu tenho uma filha de menor. O que eu não quero para ela não quero pras outras. Se tem prostituta, pra que ir caçar menina?”

“Porque eu tenho filho, sou pai e se acontecer com um filho meu eu não vou gostar. Por questão de moral, respeito.”

Os problemas com a justiça são outra razão pela qual 13% não se envolvem com crianças e adolescentes:

“A lei leva o cara pra cadeia. É complicado...”

“Dá encrenca. De menor, é cadeia na hora.”

“E o medo de ser preso e morrer estuprado?! ”

“Tenho medo de ir para a cadeia e virar mulher lá!”

Falta de oportunidade, religião, fidelidade à esposa, falta de coragem, o fato de não ter idade para essa prática e o medo de doenças também aparecem entre as respostas. Mas cada uma é citada por menos de 5% dos entrevistados.

RESULTADOS

11. “DENUNCIAR CARAS MEXENDO COM DROGAS E ENVOLVENDO CRIANÇAS”

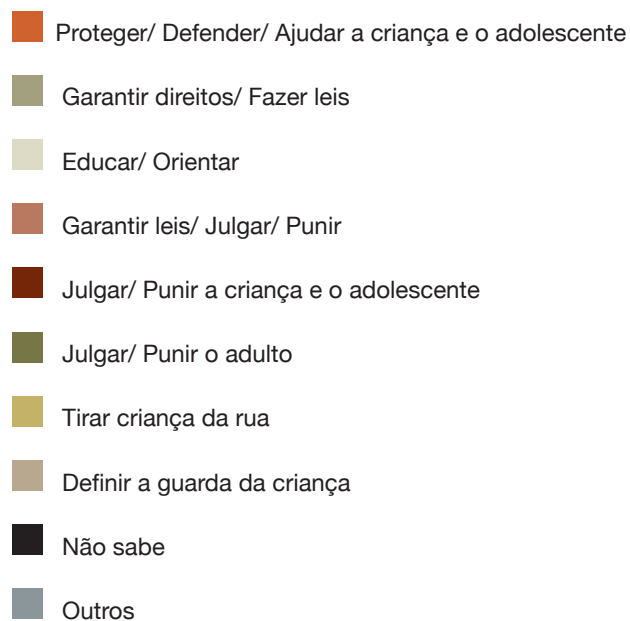
A maioria dos participantes diz conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Conselho Tutelar, o Juizado e o disque-denúncia contra violência sexual de crianças e adolescentes. Até o índice dos que dizem que conhecem a campanha contra o turismo sexual, 34,9%, é expressivo, considerando-se que essa é uma iniciativa antiga, cujo público-alvo não eram os trabalhadores de grandes obras.

No entanto, quando questionados sobre a função dessas instituições, as respostas são vagas e os comentários equivocados:

“O Norte é terra de ninguém, não tem polícia ou são comprados.”

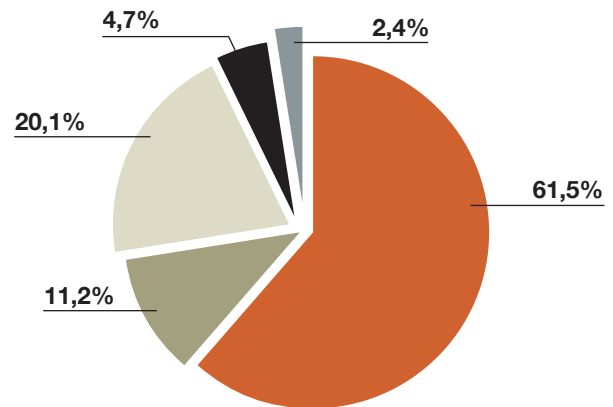
“Uma blitz passou aqui semana passada e levou algumas meninas daqui de um prostíbulo, mas é difícil, não se ouve falar muito.”

Entre as respostas equivocadas sobre a função do disque-denúncia nacional de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes apareceram “denunciar moleques malinando na rua”, “maus-tratos da família contra um menor”, “ladrão de menor” e “denunciar caras mexendo com drogas e envolvendo crianças”. Apesar de exigirem denúncia, essas situações não se enquadram na categoria de exploração sexual de crianças e adolescentes.

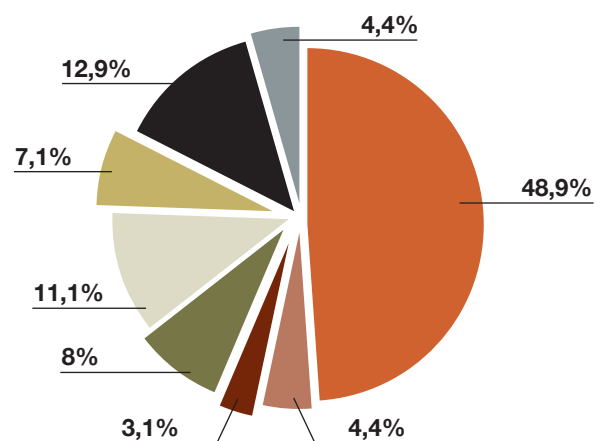


PARA QUE SERVE?

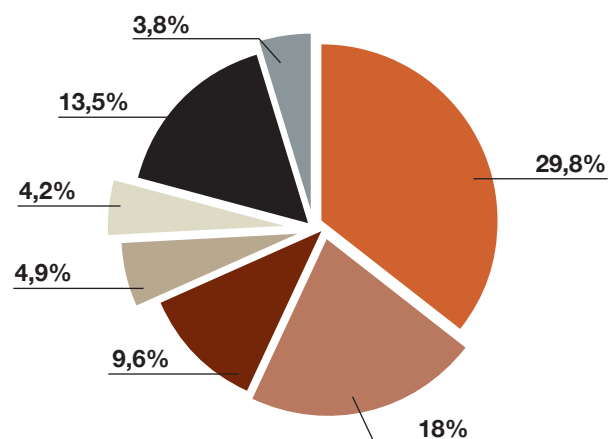
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE



CONSELHO TUTELAR



JUIZADO DE MENORES





12. PERFIL DO AGRESSOR

Definir o perfil comportamental daqueles que na entrevista assumiram terem feito sexo pago com crianças ou adolescentes, e que aqui vamos chamar de agressor, é uma tarefa delicada e complexa.

As características que diferem os agressores dos demais são percentualmente insignificantes. O cruzamento de dados da pesquisa, portanto, nos leva a uma tendência e não a um “manual” de identificação dos que cometem violência sexual.

Além disso, as tendências identificadas na pesquisa devem ser analisadas à luz do caráter multidimensional da exploração sexual de crianças e adolescentes, que inclui as precárias condições socioeconômicas a que esses trabalhadores estão submetidos, a ausência de serviços e aparelhos do Estado que zelem pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes e fatores culturais que naturalizam a prática de exploração sexual.

Nem sempre o agressor tem na criança e no adolescente seu objetivo prioritário. No entanto, a facilidade com que eles são encontrados nos prostíbulos e até oferecidos pelas próprias famílias, aliada à naturalidade com que a situação é vista, leva esses homens a se envolverem com exploração sexual de crianças e adolescentes. Muitas vezes, a violação é cometida sem intenção e sem consciência, principalmente quando o adolescente já tem “corpo formado”.

O grupo formado pelos agressores tem idade média de 30,9 anos. A maioria não é casada (são solteiros, desquitados, viúvos, etc.) e tem de baixa a média escolaridade. Costumam beber e fumar e estão mais sujeitos ao uso de drogas ilícitas.

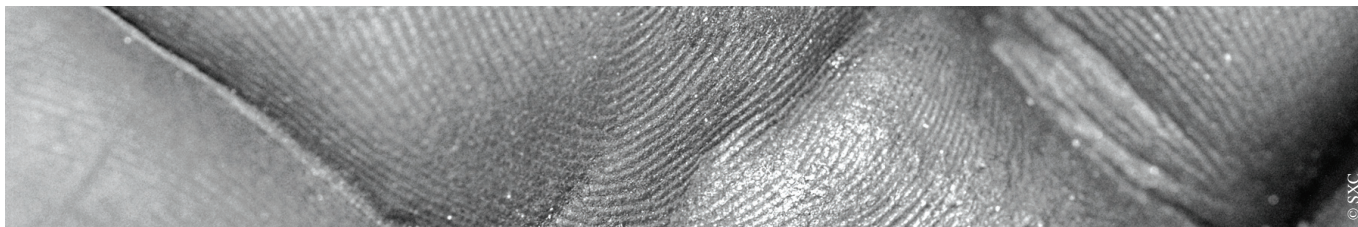
As atividades preferidas nos dias de folga são beber, 33,6%, fazer sexo, 32,6%, e jogar, 31,3%. Para satisfazer os desejos sexuais durante o período em que estão alojados, costumam buscar prostitutas ou sair com alguém da comunidade. Mesmo alojados, têm relações sexuais frequentemente, com várias parceiras diferentes.

Em comparação com os não agressores, têm renda familiar menor e estão há menos tempo trabalhando em grandes obras. Quando estão de folga passam menos tempo nos alojamentos e acham que meninos e meninas podem começar a vida sexual mais cedo.

TENDÊNCIAS

	Agressores	Não agressores
Idade média	30,9 anos	33,3 anos
Usam álcool	88,9%	66,4%
Fumantes	49,3%	35,5%
Experimentaram drogas ilícitas	35,8%	24,6%
Saem com prostituta	94,4%	43,6%
Saem com alguém da comunidade	33,3%	20,9%
Fazem outra coisa para esquecer o desejo sexual	13,9%	39,3%
Média de relações semanais quando alojados	2,5 vezes	1,1 vez
Parceiras no ano	17,29	5,95
Acham safadeza sair com crianças e adolescentes	44,4%	58,3%
Conhecem o disque- denúncia	55,7%	72%
São religiosos	16,5%	18,4%
Opinião sobre idade de iniciação sexual feminina	16,6 anos	17,3 anos
Opinião sobre idade de iniciação sexual masculina	15,4 anos	16 anos
Renda familiar	R\$ 1.172,11	R\$ 1.619,07





CONCLUSÃO

A exploração sexual de crianças e adolescentes nos arredores das grandes obras que se erguem no interior do Brasil é uma realidade incontestável. Quase 85% dos entrevistados relatam ter presenciado meninos ou meninas envolvidos no comércio sexual nas proximidades das obras, 67% dizem que os colegas pagaram para fazer sexo com crianças e adolescentes, e 25% reconhecem ter feito o mesmo.

Para mudar essa realidade na qual crianças e adolescentes perdem sua condição de seres em desenvolvimento e passam a ser considerados objetos sexuais, “brinquedos” ou fonte de renda, é preciso antes de mais nada entender o caráter multidimensional da exploração sexual. As precárias condições socioeconômicas a que esses homens estão submetidos, a distância da família, a ausência de serviços e aparelhos do Estado que zelem pela assistência e garantia dos direitos de crianças e adolescentes, aliadas a traços culturais que naturalizam situações de exploração sexual infantojuvenil, são fatores que têm de ser considerados.

A condição de migração sazonal e a distância da família exigida pela profissão refletem-se nas relações pessoais e sociais. A vida nos grupos, sem privacidade e longe dos olhos dos familiares, pode levar esses trabalhadores a comportamentos e práticas contrários à norma individual. Ser um “peão” ou um “barraqueiro” significa desempenhar uma série de papéis que vão além do profissional e inclui compartilhar comportamentos sexuais, atividades de lazer e vícios, como álcool e outras drogas.

A relação com as comunidades nas quais esses homens são inseridos temporariamente é permeada de contradições e conflitos. O homem discriminado por ser peão é o mesmo que é valorizado por injetar dinheiro na economia local. O peão pode não ser aceito na comunidade, mas seu dinheiro é muito bem-vindo. Os trabalhadores gastam na comunidade principalmente com lazer. O que, na maioria das vezes, significa consumo de álcool, drogas e sexo, que costumam ser as únicas opções de diversão nas localidades onde estão instaladas as obras.

Nem sempre a criança e o adolescente são o objetivo prioritário dos agressores, mas a abundância deles em prostíbulos, bares e, até mesmo, oferecidos pelas famílias acaba favorecendo a incidência da exploração sexual. Percentualmente, o comportamento dos agressores, ou seja, daqueles que assumiram, durante a entrevista, ter pagado por relações sexuais com crianças ou adolescentes, não é muito diferente dos demais.

Muitas vezes o que separa um agressor de um não agressor é somente a oportunidade, não a consciência.

No Brasil a exploração sexual de crianças e adolescentes, muitas vezes, não é vista como crime. As crianças e os adolescentes não são enxergados como tal aos olhos de parte dessa população. Se a adolescente já tem corpo de mulher e não é virgem, é considerada adulta e não inspira nenhum cuidado.

Trabalhar a sexualidade desses homens para gerar mudanças de comportamento e enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes, portanto, implica transformar uma série de crenças e valores de um grupo com uma concepção de masculinidade que coloca excitação, domínio e prazer em primeiro plano nas relações de gênero.

Além da questão cultural, essa transformação passa por variáveis diretamente relacionadas às condições de trabalho desses homens, como gestão de pessoas, localização da obra e infraestrutura dos alojamentos.

Os pesquisadores observaram que, entre os trabalhadores acomodados em alojamentos mais confortáveis, com opções de lazer e localizados em lugares que possibilitam visitas regulares às suas famílias, há uma tendência de redução de envolvimento em casos de exploração sexual de crianças e adolescentes.

Tratar o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes por esse grupo requer ações integradas das empresas responsáveis pela obra e de seus clientes, além do fortalecimento do sistema de garantia de direitos nos municípios próximos às obras para prevenir a violação dos direitos de crianças e adolescentes.

Esperamos que este trabalho seja o ponto de partida de propostas concretas de proteção às crianças e aos adolescentes nas áreas de influência das grandes obras. Presenciamos e ouvimos relatos cruéis de violência sexual. No entanto, encontramos também pessoas comprometidas, empresas engajadas, comunidades alertas e muitos homens contrários à exploração sexual de crianças e adolescentes.

A exploração sexual de crianças e adolescentes é um problema de todos e as soluções também. Como aponta o Estatuto da Criança e do Adolescente, cabe ao governo, à família e à sociedade garantir a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes neste país.



A **CHILDHOOD BRASIL** (Instituto WCF-Brasil) trabalha pela proteção da infância contra o abuso e a exploração sexual, buscando:

INFORMAR a sociedade, por meio de ações e campanhas; **EDUCAR**, mobilizando e articulando empresas, governos e organizações sociais para uma ação mais eficaz contra a violência sexual; e **PREVENIR**, desenvolvendo projetos inovadores e fortalecendo instituições que protegem crianças e adolescentes em situação de risco.

Childhood Brasil

Diretora Executiva
Ana Maria Drummond

Diretor
Ricardo de Macedo Gaia

Coordenadores de Programas
Anna Flora Werneck
Itamar Batista Gonçalves

Assessora de Mobilização de Recursos
Ana Flávia Gomes de Sá

Assessora de Comunicação
Tatiana Larizzatti

Assistente de Projetos
Mônica Santos

Assistente Administrativa
Carmen Leona Vilchez Castilho

Consultora de Programas
Carolina Padilha

Childhood Brasil
Rua Funchal, 160 – 13º andar
04551-903 – São Paulo – SP



Realização

CHILDHOOD

PELA PROTEÇÃO DA INFÂNCIA
FUNDADA POR S. M. RAINHA SILVIA DA SUÉCIA

Parcerias



Apoio

